

ALMADA

PESSOAS / CULTURA / TERRITÓRIO / DESPORTO

NÚMERO 11 | FEVEREIRO 2022

ECONOMIA RECUPERA DA PANDEMIA

«Cartão Almada vai dar descontos no comércio local»

CENSOS 2021

Almada cresce 1,9% em contraciclo com o país, com população mais jovem e mais qualificada

TMJB - PROGRAMAÇÃO 2022

O teatro onde «todos cabem» promete um ano em cheio, com 19 peças, 10 espectáculos de dança e 14 concertos

CMA CÂMARA MUNICIPAL DE ALMADA

Índice



Gracinda Rodrigues, costureira (pág. 10)

EDITORIAL

- 3** Mensagem de Inês de Medeiros

EM ARQUIVO

- 4** Comércio
Cais do Ginjal para o Mundo

DISCURSO DIRETO

- 6** Entrevista com José Pedro Ribeiro,
vereador com o pelouro do Comércio

ZOOM

- 8** Comércio local - As histórias que os números contam

EM ANÁLISE

- 14** Censos 2021 - Almada é o 8º concelho
mais populoso do país

EM FOCO

- 16** Parque da Paz

ACONTECE

- 20** Teatro Municipal Joaquim Benite - Programação 2022
22 Concerto de Ano Novo
24 Exposição Susanne Themlitz
26 Projecto IMPACTOUR

ALMADA EM MIM

- 28** Ana Nave

RADAR

- 30** Asante Coffee, uma cafetaria diferente,
para descobrir na Costa

O MEU BAIRRO

- 32** Charneca da Caparica

SABIA QUE?

- 34** Um tesouro escondido do mestre Cargaleiro

FICHA TÉCNICA

Edição: Câmara Municipal de Almada
| Departamento de Comunicação
Diretora: Inês de Medeiros
Diretora-Adjunta: Raquel Antunes
Coordenação: Sara Dias
Consultor Editorial: Paulo Tavares
Editor de Fotografia: Luis Filipe Catarino
Redação: CMA | DCOM: Anibal Martins, Charlene
Izaque, Joana Mendes, Margarida Leal, Sandra Gomes
e BY COM - Serviços de Design e Publicidade
Fotografia: CMA | DCOM: Anabela Luis, Florbela
Salgueiro, Victor Mendes e BY COM - Serviços
de Design e Publicidade

Paginação: BY COM - Serviços de Design
e Publicidade
Impressão e distribuição: To spend with you
Tiragem: 120.000
Periodicidade: Mensal
Distribuição: Gratuita
ISSN: 2184-9137

Publicação isenta de registo na ERC ao abrigo
do Decreto Regulamentar n.º 8/99, de 9 de junho,
art.º 12.º, n.º 1b).
Textos escritos ao abrigo do novo Acordo Ortográfico.

CONTACTOS ÚTEIS:

Geral
Tel.: 212 724 000
Gabinete de Atendimento Municipal
Linha Verde Almada Informa - 800 206 770
E-mail: almadainforma@cm-almada.pt
Site: www.cm-almada.pt

f @ /cmlmada

Editorial

A liberdade começa onde acaba a ignorância

Victor Hugo

Caras e Caros Almadenses,

O fim de um processo eleitoral é sempre uma esperança renovada com a abertura de um novo ciclo. Assim se cumpre abril, honrando a Democracia, exercendo o direito de voto em liberdade. Os Almadenses voltaram a contrariar a tendência crescente da abstenção dos últimos anos e só esse facto é já um momento de celebração. É agora tempo de retomar o trabalho com o mesmo sentido de urgência.

Temos vindo a construir um Município mais resiliente, inclusivo e aberto à sociedade. De acordo com os dados dos Censos 2021, Almada cresceu e consolidou o seu desenvolvimento, tornando-se no oitavo município mais populoso do país, com 177 400 habitantes, o que representa um crescimento de 19% em relação a 2011. Este é um resultado que contraria a tendência nacional e que muito nos alegra, redobrando a responsabilidade do nosso Executivo no sentido de continuar a trabalhar para que o nosso território seja o melhor para viver, estudar, trabalhar ou, simplesmente, passear. Segundo Maria de Lourdes Poeira, especialista em desenvolvimento Regional, um dos indicadores onde Almada mais cresceu foi na Educação, registando um crescimento das qualificações dos residentes superior ao da Área Metropolitana de Lisboa, com um crescimento de 43% no ensino secundário e de 47% no ensino superior.

Com sinais de que a pandemia está a abrandar, é importante recuperar a economia. Sabemos do grande impacto que a COVID-19 teve a nível socioeconómico e a Câmara Municipal de Almada tem procurado encontrar

soluções para apoiar os Almadenses. As micro, pequenas e médias empresas foram um dos setores mais afetados com esta pandemia. Em Almada, criámos desde o início os Programas Dinamizar e Dinamizar Mais, tendo sido financiadas cerca de 300 pequenas e médias empresas, o que se traduziu num apoio superior a 1,3 milhões de euros.

Almada tem um grande potencial de crescimento. É importante continuarmos a apoiar as nossas empresas. Estamos a trabalhar na criação do Cartão Almada, que promove e incentiva o comércio e empresas locais, oferecendo descontos aos municípios. Não nos esquecemos de uma área tão importante para nós: o Turismo. Temos vindo a trabalhar em articulação com diversas entidades, no sentido de dinamizar Almada.

Nesta edição, recordamos o nosso passado fazendo uma viagem pelo Cais do Ginjal que, na primeira metade do século XX, foi um importante centro de atividade comercial e industrial. Com uma localização privilegiada, este cais foi transformado num entreposto de transporte fluvial e marítimo de mercadorias, tornando-se num polo dinamizador do comércio e industrialização de Almada.

Apesar da pandemia, não esquecemos a Cultura. Almada foi um dos municípios que mais apoiou este setor e o público Almadense respondeu da melhor maneira. Nesta edição, apresentamos a programação do Teatro Municipal Joaquim Benite que conta ao todo com 60 espetáculos, entre eles, 19 peças de teatro que percorrem 2500 anos de história. Enalteço o trabalho extraordinário da Companhia de Teatro de Almada, mas também o papel do público: não conheço outro tão fiel e tão cúmplice. A temporada inclui criadores, artistas, projetos locais e internacionais que merecerem ser



vistos. É importante que continuemos a apoiar a Cultura para a construção de uma sociedade livre, cosmopolita e justa.

Combater a ignorância é e será sempre a melhor arma da Cultura, nas suas mais variadas expressões. Uma Cultura que interroga, que recusa absolutismos. Uma Cultura diversa e abrangente. Por isso quero destacar a entrevista com Cláudio da Silva, um actor único, pela sua versatilidade e talento. Um extraordinário representante da «arte do teatro» como gosta de dizer. Mas também importa lembrar a emoção do concerto de ano novo, com alguns dos temas mais conhecidos de espetáculos da Broadway e do West End, em Londres, através da entrevista aos cantores, Sofia Escobar, Madalena Alberto, John Adison e Timoty Howar.

Neste numero também a actriz Ana Nave nos descreve a sua Almada, esta cidade com "ADN criativo e empreendedor"

Honrando esse espírito, agora que a pandemia parece dar sinais de abrandamento e com o sucesso da vacinação, é altura de continuarmos, juntos, com esperança e energia, a concretizar as potencialidades de Almada.

INÊS DE MEDEIROS

PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE ALMADA

COMÉRCIO

DO CAIS DO GINJAL
PARA O MUNDO

Fotografias Arquivo Municipal de Almada



de Cacilhas para Lisboa e para o resto do mundo, permitindo o escoamento e abastecimento de produtos, como por exemplo, o vinho.

Rapidamente o Cais do Ginjal se tornou um polo dinamizador do comércio e industrialização da cidade de Almada, frequentado por diferentes tipos de atividades que ali se estabeleceram e por trabalhadores, empregados nos grandes armazéns industriais de produção e armazenamento de vinhos, azeites e cereais, estaleiros navais, tanoarias, fabricas de têxteis, de conservas, armazéns de isco para apoio aos navios de pesca, fábrica de óleo de fígado de bacalhau e outras indústrias. A zona tornou-se o centro social de Almada, atraindo muita população que ali passou a habitar e frequentar restaurantes, tabernas e tascas que, pela boa comida e bebida, conferiram à zona a sua fama.

No comércio de vinho, aguardente, azeite, vinagre, cereais e leguminosas destacou-se as Firms da Família Theotónio Pereira, uma empresa cujas origens remontam ao ano de 1797, quando o patriarca da família, natural de Vila Nova de Poiares, se estabeleceu em Lisboa para iniciar um negócio comercial destes produtos. A atividade foi crescendo e a empresa familiar acabou por adquirir vários armazéns, situados no Cais do Ginjal, para aí instalar depósitos dos vinhos, aguardentes, azeites e vinagres, e aproveitar a excelente localização geográfica, fluvial e marítima do local para a receção,

O Cais do Ginjal, hoje maioritariamente visitado pela vista privilegiada que oferece sobre Lisboa, é o nome dado a toda a extensão de cais que vai desde a estação fluvial de Cacilhas até aos últimos armazéns imediatamente antes do Elevador da Boca do Vento. No entanto, a zona que hoje os almadenses conhecem pelo mau estado de conservação e abandono em que se encontra, foi até à primeira metade do século XX um centro de atividade comercial e industrial bastante dinâmico em Almada. Graças à sua vantajosa posição, o Cais do Ginjal foi um importante entreposto de transporte fluvial e marítimo de mercadorias que circulavam



transporte, distribuição e exportação dos produtos. Os vinhos eram comprados no centro do país e transportados, para os armazéns, em Lisboa e Ginjal, por via fluvial, a partir do Carregado, através de fragatas. A partir daqui os vinhos eram tratados e carregados em barris para distribuição e exportação.

A empresa foi sendo reestruturada ao longo das décadas seguintes ao ser passada de geração em geração sem nunca perder, no entanto, os seus objetivos na comercialização de líquidos e administração de bens. Num primeiro momento, após a morte do fundador, Teotónio Pereira II prosseguiu a atividade comercial ao formar a sociedade «Teotónio Pereira e Filhos», passando mais tarde a usar a designação «João Teotónio Pereira Júnior Lda.».

Já em meados do século XX surge uma nova sociedade com o nome «Sociedade Comercial Theotónio Pereira, Lda.», constituída pelos filhos do patriarca. A nova sociedade tinha sede no Ginjal e escritório em Lisboa e torna-se proprietária das marcas anteriormente criadas pela firma, como, o vinagre «Theotónio», os azeites «Moinho» e «Pátria», os vinhos «Quinta do Pombal», «Marrabenta», «Impala», «Rodizio», «N'djoko», «Quinta dos Mouros», «Estremadura», entre outras.

A família Theotónio Pereira estabeleceu uma forte e duradoura ligação de diversa natureza



com o concelho de Almada, não só pelo seu papel comercial no Ginjal, mas também através da compra da Quinta do Pombal, na Cova da Piedade. A propriedade revelou-se importante, servindo para a família passar férias e tempos de lazer e, ao mesmo tempo, explorar as suas riquezas agrícolas, como as vinhas aí existentes que lhes permitiram produzir o vinho da marca «Quinta do Pombal». Os vinhos produzidos nesta quinta, e cujos rótulos podem ser observados nesta edição, variaram entre vinho branco, tinto e até mesmo rosé. Todos comercializados a partir do Ginjal, que permitia o transporte do produto para o resto do país.

No entanto, a partir de 1972, a atividade comercial da firma diminuiu significativamente e os armazéns do Ginjal foram desmantelados e desocupados. O progressivo abandono deste espaço, e de outros à volta, deveu-se a vários fatores socioeconómicos, como a construção da ponte que uniu Almada a Lisboa. A Ponte Salazar, mais tarde renomeada de Ponte 25 de Abril, afetou as atividades comerciais que existiam no Ginjal, uma vez que ao unir as duas margens, o rio deixou de ser a principal via de transporte de mercadorias entre as duas cidades.

VEREADOR JOSÉ PEDRO RIBEIRO

«CARTÃO ALMADA VAI DAR DESCONTOS NO COMÉRCIO LOCAL»

O vereador José Pedro Ribeiro, responsável pelo pelouro do Comércio, fala das ações do poder autárquico para apoiar as empresas durante a pandemia e anuncia a criação do Cartão Almada.



REVISTA ALMADA - O setor do comércio sofreu muito com a pandemia. Qual foi o papel do poder local nesse contexto?

José Pedro Ribeiro - A economia portuguesa vive muito das micro e pequenas empresas e o comércio local acaba por ser quase o único sustento das famílias. O município detetou que este setor estava a ser afetado enormemente e poderia haver um impacto tremendo para as famílias e, com isso, o tecido social podia ficar fragmentado. Então e para além das medidas que o governo implementou a nível nacional, aqui em Almada entendemos que devíamos criar um programa de apoio às micro e pequenas empresas em algumas atividades muito específicas, as que foram mais prejudicadas e tiveram que encerrar as portas. Nesse sentido, criámos um programa que, entendemos, foi uma das melhores medidas tomadas pelo Executivo no combate aos flagelos provocados pela pandemia, o Programa Dinamizar.

Quais foram os resultados desse programa?

O sucesso foi tão grande que depois estendemos e criámos uma segunda edição, o Dinamizar Mais. Para ver o impacto, nos dois em conjunto tivemos acima de 800 candidaturas e foram financiadas quase 500, porque algumas não preenchiam os requisitos. Foi atribuído um valor superior de 1,3 milhões de euros. Portanto, estamos a falar de um programa que permitiu, tão rápido quanto possível, injetar algum dinheiro no âmbito das famílias, de forma a mitigar os danos da pandemia.

O Dinamizar acaba nesta segunda fase ou continua?

Apesar de acreditarmos que a pandemia se aproxima do seu fim, e com a experiência que tivemos com o Dinamizar, estamos a equacionar a criação de um novo programa de apoio ao comércio local. Será um programa que vai, ajudar o comércio local e que será associado ao Cartão Almada.

O que é esse Cartão Almada?

Estamos ainda em fase de trabalho, de bastidores, mas vai permitir aos munícipes de Almada o acesso a um cartão que vai oferecer descontos no comércio local. Por via desses descontos, a ideia é criar um mecanismo em que o município apoia o comércio e as empresas locais, em alguns setores. Estamos a identificar e a ultimar os termos e, nesta altura, ainda é um bocado extemporâneo precisar quais são, mas estamos a falar sempre de micro e pequenas empresas. A ideia aqui não é apoiar as grandes marcas, mas empresas com dimensão pequena e ajudá-las a dinamizar.

Como tem sido o trabalho com as associações do setor?

Acreditamos na cooperação e no trabalho em conjunto. Estes contactos já vêm de trás e aquilo que queremos é rapidamente encontrar plataformas de entendimento. Temos tido trabalho em conjunto ao longo do tempo, mas acreditamos que é possível potenciar estas relações com as associações do comércio. A nossa preocupação, e que vamos trabalhando com o setor, é no sentido de criar medidas estruturantes, de apoio sustentado ao comércio. Outras das medidas que o município poderá adotar será, por exemplo, requalificar alguns espaços públicos, nomeadamente a Capitão Leitão, a Cândido dos Reis e outras zonas que venham a ser identificadas no sentido de as dinamizar. Almada tem um potencial de crescimento muito grande ao nível do turismo. Acreditamos que em breve poderemos criar algumas medidas que permitam criar condições para que estes turistas que vêm durante o dia à praia possam permanecer um pouco mais e investirem um pouco mais na restauração.

O que está a ser feito para estimular o turismo?

O turismo ainda é demasiado sazonal. Por exemplo, há turistas que vêm visitar o monumento do Cristo-Rei e acabam por ficar pouco tempo em Almada. Estamos a tentar criar condições com os operadores económicos - um dos objetivos que temos com as associações do comércio - e criar mecanismos para "agarrar" esses turistas. Ou seja, que venham e possam ficar para almoçar, para jantar e para desfrutar. Temos que dar a conhecer mais aquilo que são as potencialidades de Almada. Temos a Casa da Cerca, que é fabulosa, temos uma série de equipamentos culturais que fazem inveja a qualquer município. Temos o Convento dos Capuchos, o Solar dos Zagallos, um sem número de locais que cabe-nos potenciar, criar os mecanismos para que os operadores turísticos conheçam estes locais maravilhosos que existem em Almada, para que os turistas permaneçam. Ou seja, que Almada também passe a ser conhecida para lá daquilo que é a qualidade das suas praias. É o nosso objetivo.

A evolução do surf tem mudado a Costa da Caparica...

Tem. Mas acreditamos que é possível crescer mais e estamos a trabalhar nesse sentido. Há um sem número de pessoas que

vêm com regularidade fazer surf à hora do almoço, durante o inverno. Vêm aprender surf, porque temos um sem número de escolas de surf, e aí dinamizam a economia local. Mas acreditamos que é possível fazer mais e potenciar este setor do surf. Estamos a trabalhar nesse sentido e acreditamos que até ao final do mandato todos os indicadores relacionados ao turismo podem subir significativamente.

A estrutura hoteleira é um problema a resolver?

Temos aqui um deficit grande ao nível de camas e achamos que ainda existe um potencial grande de crescimento ao nível da hotelaria em Almada. Fomos contactados por alguns operadores no sentido de encontrar locais para a abertura de hotéis e estamos a trabalhar com eles. Mais do que nós, são os próprios operadores económicos que acham que há um potencial de crescimento aqui em Almada.

A gastronomia é um fator de atração?

O nosso objetivo é criar programas que permitam às pessoas que vêm, por exemplo, durante o verão, permanecer e que não fiquem só na zona da Costa de Caparica. A ideia é dar a conhecer a esses turistas a qualidade da restauração no concelho de Almada. Nós temos, de facto, uma grande qualidade ao nível de restauração, muitas vezes com menos glamour, digamos assim, ou com um embrulho menos bonito, e acreditamos que é possível melhorar esse glamour. Mas também é importante não perder a essência do que é a restauração em Almada. Esse equilíbrio é a coisa mais difícil de encontrar, porque temos ótimos restaurantes, onde se come maravilhosamente bem, tendo uma comida quase caseira. Não podemos correr o risco de acontecer como em Lisboa, onde esses restaurantes perderam-se por causa da massificação do turismo. É esse equilíbrio que eu acho importante ter em conta para não perder a essência deste comércio. Não existe uma fórmula, mas é importante encontrar este equilíbrio.

Como vê o comércio de Almada daqui a quatro anos?

Acredito que Almada tem uma capacidade grande de crescimento, não só a Almada cidade, mas também a Costa de Caparica ou a Charneca da Caparica, que tem estado a crescer bastante. Há um potencial grande e há condições para que de facto Almada deixe de ser um dormitório de Lisboa e passe a ser ela própria um fator para gerar crescimento e emprego. É um trabalho contínuo e que vem de trás. Acreditamos que é possível potenciar e crescer. Eu não acredito em milagres, acredito em trabalho e que as coisas se fazem de uma forma estrutural, não de uma forma conjuntural. Aquilo em que nós acreditamos é que é possível criar condições de manutenção, para assegurar uma evolução segura, sólida e para que, quando houver situações de maior crise, haja uma maior capacidade de resiliência do sistema.



DINAMIZA +

AS HISTÓRIAS QUE OS NÚMEROS CONTAM

Fotografias de Vitor Mendes/CMA

No ano passado, a Câmara Municipal de Almada canalizou para o comércio local cerca de 1,3 Milhões de euros através do programa Dinamizar. Quase 300 estabelecimentos comerciais receberam apoio financeiro para fazer face à crise pandémica, que os obrigou a encerrar portas. Fomos conhecer as histórias por detrás dos números.

«REINVENTAR UM NEGÓCIO COM HISTÓRIA»

A lâmina desliza no pescoço de Bruno Dias, que se mantém de olhos fechados e indiferente às conversas que animam a Barbearia Tradicional Soares, na Costa da Caparica, deixando que as mãos de Rui Soares tracem as linhas precisas do contorno da sua barba. Quando lhe retiram a capa às riscas e finalmente se levanta da cadeira explica, preto no branco, que estava entregue ao «melhor barbeiro da Costa» e que é cliente há praticamente 20 anos.

Rui soma mais dez de experiência. Aprendeu com o pai, que aprendeu com o seu avô a arte de cortar barba e cabelo. «Antigamente havia poucos recursos», explica Rui, que ainda

conserva máquinas e instrumentos antigos das anteriores gerações.

«Hoje há tudo, golas de papel, máquinas elétricas para fazer contornos», mas «ser barbeiro ainda é uma arte», sublinha. «Esculpimos milhares de fios de cabelo em 30 minutos, tem de ficar tudo certinho». Talvez por isso, ainda conserva clientes que lhe chegaram do seu pai e que ajuda a sentar na cadeira, com genuíno cuidado.

«São precisos três anos» para aprender, apesar de hoje haver «cursos de um ano». Porque «de repente todos quiseram ser barbeiros», sublinhando que este «é um trabalho leve, não se apanha chuva e convive-se com

peçoas». Só na Costa da Caparica há mais de 10 casas como esta.

CAPACIDADE PARA ADAPTAR O NEGÓCIO

Rui herdou o negócio da família, mas quis inovar. Aproveitando a sua experiência profissional anterior - trabalhou desde os 14 anos em bares e hotéis - ampliou o espaço e fez a sua «barbearia», que incluía um bar para beber um bom *gin*, por exemplo, enquanto se esperava pela vez. «Os estrangeiros ficavam malucos, diziam que era o paraíso».

A pandemia veio e, como uma lâmina, cortou rente este e outros sonhos. As portas estiveram fechadas quatro longos meses. O negócio reabriu, mas com **uma quebra entre os 40% e os 50%**. Rui não despediu ninguém, mas foi obrigado a reformular o negócio porque «ainda há muita gente com medo de vir ao barbeiro».

O lado do bar deu lugar a uma «esteticaria», um espaço de depilação, dedicado também ao mundo masculino, que assim pode beneficiar de vários serviços no mesmo estabelecimento. Há cada vez mais homens a cuidar da sua imagem, explicam os clientes.

Rui Soares reinventou-se e continua a trabalhar, e a dar trabalho, mas confessa que o apoio do programa Dinamiza Almada foi como um bálsamo regenerador, que aplicou para «reequilibrar as rendas».



VOLTAR A LUTAR AOS 66 ANOS

Maria do Céu Silveira foi à retrosaria do Mercado do Monte de Caparica para remendar um casaco rasgado.

«É de marca e está novinho», explica. Abre gaveta, fecha gaveta, até que a filha da dona, Ana Margarida, se lembra dos gorgurões. Escolhe-se o padrão e decide-se o preço do arranjo com Gracinda Rodrigues, que por acaso estava na loja. 4 euros e ficou resolvido o assunto.

«Fui costureira a vida toda», recorda Gracinda. Começou ainda solteira numa fábrica de camisas da Trafaria, passou a costurar em casa quando casou e teve filhos, e hoje, aos 77 anos, ainda faz «estes trabalhos» para ajudar a criar o neto que tem a seu cargo.

Margarida também volta atrás no tempo. Explica que estas lojas eram «atribuídas às pessoas mais necessitadas da zona», como a sua mãe, que aqui está desde 1987. Por isso, cresceu entre meadas de lã, carrinhos de linhas e muitas marcas que já não existem no mercado.

Avia um fecho e lá vai contando que tinha 10 anos quando a mãe abriu esta loja. Lembra-se que, no início, havia prateleiras com caixas, umas com artigos e outras vazias, «para não parecer tão mal». A mercadoria comprava-se conforme a caixa do mês permitia. Foi sempre «uma grande lutadora», explica.

Disfarça a voz tremida quando outro cliente entra e lhe pede uma fita de seda, para compor o bolo de aniversário que alguém encomendou para o fim-de-semana. Mede-a num metro de madeira, que antigamente tinha de ser aferido e carimbado em Lisboa.

Alguns clientes, já com peixe e legumes para levar para o almoço, apenas entram para perguntar pela mãe. «Está numa consulta», explica. E lá abraçam esta filha que conheceram «assim pequenina» e que sempre ajudou os pais, mesmo quando estava a estudar gestão de recursos humanos.

As crises abalaram o negócio da mãe, que se foi adaptando aos tempos. Mas nada deixou estes pequenos negócios tão puídos como a pandemia. «O apoio da Câmara é para subsistir. **O dinheiro que amealhámos já se acabou**», remata.



VENHAM AS FESTAS AO AR LIVRE

O cheiro fresco a eucaliptos recebe-nos na Quinta do Caiado Kids, na Sobreda. Mas, falta no ar o frescor das festas de aniversário dos mais pequeninos, para quem António Gonçalves direcionou o seu negócio.

Era gestor comercial no grupo PT quando decidiu aproveitar um terreno da família. «Isto era tudo mato», diz, apontando para o espaço em volta, com cerca de 1 500 m².

Fez um campo de jogos, zona de escorregas e baloiços,

um bar com esplanada em madeira e uma tenda, onde cabem cinco insufláveis, matraquilhos, piscina de bolas, tiro ao alvo e mesas para os aniversariantes cortarem o bolo.

Chegou a realizar 500 festas por ano, cuja organização exigia que se dedicasse a tempo inteiro ao negócio. Até ao dia 9 de março de 2020.

«Nunca mais me vou esquecer dessa data. Não imaginei que com esta idade, 52 anos, ia assistir a uma paragem abrupta,

SABORES QUE ATRAVESSAM GERAÇÕES

«O pai do Paulo era fora de série», apresenta José Manuel, atrás do tentador balcão da Bolas & Nattas, uma pastelaria recente que há três anos abriu na Rua Cândido dos Reis, em Cacilhas. As bolas de berlim enfileiradas, ao lado de um regimento de pasteis império e de outro pelotão de patricios, ameaçam qualquer dieta em curso.

Estamos numa das mais antigas zonas de restauração do concelho de Almada, que ganhou ainda mais dinamismo depois de ter sido reservada a peões. Os carros deram lugar às esplanadas e as pessoas passaram a usufruir de um comércio que alia as ementas mais tradicionais à frescura de novos projetos.

Aqui, o menu propõe, por exemplo, uma taça de espumante da região com uma bola com creme, «a melhor do mundo», defende José Manuel, e feitas pelo «Cristiano Ronaldo da pastelaria», continua, apontando para uma foto a preto e branco na parede.

António Patrício agiganta-se na decoração do espaço, pensada pelo filho, Paulo Patrício, para homenagear



este antigo pasteleiro que veio de longe, de Moncorvo, trabalhar na Confeitaria Inglesa, na Rua dos Poços dos Negros, em Lisboa.

Abriu, com um conterrâneo, a Pastelaria de Santo António, debaixo de pinheiros generosos, na Costa da Caparica. Funcionava só aos sábados, domingos e feriados, mas o que era apenas um quiosque de madeira no meio de uma esplanada, rapidamente cresceu e ganhou fama.

Foi lá que trabalhou o nosso interlocutor, José Manuel. E foi por «gratidão e amizade» aos patricios que aceitou ficar atrás do balcão da Bolas & Nattas. Quem passar de madrugada na Cândido dos Reis, vê que os saberes já passaram para a nova geração: Paulo é agora

o pasteleiro de serviço e é quem garante o fabrico próprio desta casa.

As argolas de canela que o pai inventou há mais de 45 anos lá continuam à venda, conquistando novos clientes, a par das redondinhas bolas e dos generosos pasteis.

«O apoio do Dinamizar Almada foi muito importante para esta casa, que está no início», assume o pasteleiro. Cacilhas sem turistas levou um golpe duro e «sem esta ajuda provavelmente já teria fechado a porta».

Paulo Patrício mantém outro trabalho anterior, é personal trainer. Se o cliente ganhar peso, ele também pode ajudar a perder. É, sem dúvida, ter olho para o negócio.

de um dia para o outro. Nenhuma crise se compara a esta pandemia». Pai de quatro filhos, António foi forçado a contrair empréstimos, não para fazer melhorias ao espaço, mas para o dia-a-dia.

«Percebo que as pessoas querem voltar, mas o medo ainda está instalado». A retoma permitiu-lhe organizar uma festa de cada vez, onde anteriormente cabiam três. «Somos uma micro empresa e os apoios foram simbólicos».

O dinheiro canalizado pela Câmara Municipal, através do programa Dinamizar, vai direto para pagar as contas. Não tem pejo em vestir a roupa de trabalho e fazer obras de jardinagem no espaço, que aos poucos vai reconquistando as famílias e as boas energias que os mais novos emprestam ao terreno.

Estão aqui as suas raízes e as memórias felizes de uma infância a brincar «aos polícias e aos ladrões».

COMIDA SAUDÁVEL, LOCAL E SEM CRUELDADE

A crueldade animal e a relação entre o consumo de carne e doenças como o cancro, conduziram Nuno Farinha e a esposa a uma dieta *vegan*. Mas, foi o gosto pela cozinha e o sucesso das suas receitas que fez o GPS do casal assinalar no mapa uma estrada ainda por explorar.

Nuno trabalhava como desenhador projetista na área da engenharia, mas decidiu meter os pés no travão e guinar o volante. Criou a Veggie Lovers Truck, em 2016 e hoje afirma, sem falsas modéstias, que foram «pioneiros no conceito da *street food vegan*».

A primeira rulote marcou presença em grandes eventos nacionais, como a Feira do Livro ou a Web Summit, conquistando cada vez mais clientes de norte a sul do país.

Um ano depois, propôs ao Almada Fórum colocar na zona da restauração uma segunda carrinha, oferecendo aos visitantes uma opção de refeição 100% *cruelty free* (sem sofrimento animal) e sem plásticos.

O conceito pegou e estavam prego a fundo quando se deu o choque frontal com a pandemia. Fecharam os centros comerciais, cancelaram-se eventos e o motores da Veggie Lovers tiveram de parar.

O negócio entrou em *layoff* entre março e maio de 2020, e janeiro e abril do ano seguinte. «Feitas as contas, foi praticamente meio ano sem trabalhar».

O apoio do Dinamizar permitiu pagar contas, subsídios e retomar a marcha, mas a 30km por hora. Acreditam que a marca «tem conseguido levar à mudança de hábitos alimentares de muita gente e isso é o que a mantém. Se não fossem os clientes fixos, já tínhamos fechado portas».

Almada tem cada vez mais pessoas a optar por comer *vegan*, mas o mercado diz-lhes que a grande fatia do mercado está do outro lado do rio, porque é lá que param os turistas. Por cá, lamenta, «vêm ao Cristo Rei e às praias da Costa, mas não conhecem mais do que isso».

Por outro lado, sente que as pessoas já voltaram aos espaços comerciais, mas evitam as zonas de restauração, porque é aí que têm de tirar a máscara.

Por isso, acendeu uma nova luz de aviso no computador de bordo da Veggie Lovers Truck. Sem dourar a pílula, Nuno Farinha afirma que está no negócio **«para lutar e não para desistir, mas nos próximos três meses tenho de tomar uma decisão»**.



PROGRAMA DINAMIZAR

Entre 29 de março e 4 de dezembro de 2021, decorreram duas edições do programa Dinamizar, com o qual se pretendeu apoiar micro, pequenas e médias empresas e empresários em nome individual.

1.ª EDIÇÃO DO DINAMIZAR

196

Operadores económicos apoiados

1.000.000,00€

Valor financeiro total do apoio

2.ª EDIÇÃO DO DINAMIZAR

82

Operadores económicos apoiados

263.950,45€

Valor financeiro total do apoio

VALORES GLOBAIS DO PROGRAMA

278

Operadores económicos apoiados

474

Candidaturas submetidas

1.263.950,45€

Valor financeiro total do apoio

GONÇALO PAULINO

O TURISMO E OS SERVIÇOS SÃO O FUTURO

Gonçalo Paulino, vice-presidente da delegação local da Associação de Comércio, Indústria, Serviços e Turismo do Distrito de Setúbal, analisa a economia de Almada e fala sobre a importância de ter um olhar mais atento para a zona central da cidade.



O futuro da economia de Almada passa pelo turismo e pelos serviços. Esta é a convicção do empresário Gonçalo Paulino, vice-presidente da delegação local da ACISTDS - Associação de Comércio, Indústria, Serviços e Turismo do Distrito de Setúbal. Os dois setores têm evoluído muito nos últimos anos e, na opinião da associação, essa tendência deve orientar as ações do poder local. É preciso «tentar atrair empresas para terem aqui a sua base, porque estamos ao lado de Lisboa. E a componente de turismo eu julgo que ainda pode ser mais bem explorada», resume o dirigente, ligado ao ramo farmacêutico.

Gonçalo Paulino afirma que o executivo municipal tem um papel essencial para impulsionar o comércio. E aponta como exemplo positivo o projeto de requalificação do Largo Alfredo Dinis, uma obra capaz de dar nova vida à zona de Cacilhas e ao próprio município. «É a porta de entrada de quem vem de Lisboa. Com uma entrada bonita e organizada, podemos ter ali muito desenvolvimento». Destacando uma outra zona, afirma que «ainda temos espaço na Cândido dos Reis, rua que já funciona bem em termos de restauração e que, se for bem aproveitada, pode ficar fabulosa».

O empresário diz que os canais de comunicação entre a autarquia e o tecido empresarial estão a funcionar, mas deixa um alerta sobre as zonas centrais da cidade. «O poder local, e não falo especificamente de Almada

porque acontece nas outras cidades, não deve esquecer que os centros das cidades e os centros históricos continuam a ser centros. Houve aqui uma política muito grande também levada por especulação imobiliária, de retirar serviços dos centros das cidades. Isso retirou muita gente.»

Em tom de recomendação, o dirigente fala de ações específicas e da importância de evitar a burocracia. «Ter mais atividades e melhor interação entre o município e os comerciantes, no sentido de ter mais celeridade nos processos administrativos. Uma pessoa quer fazer, imaginemos, um sunset e tem tudo contratado. Muitas vezes um dos obstáculos são as próprias burocracias em autorizar estes eventos. Às vezes, não se trata de apoio financeiro, mas do apoio em ser célere a ajudar os empresários a fazerem as coisas», explica.

No que se refere ao turismo, o dirigente aponta a questão da publicidade. Diz que as coisas estão a mudar, mas que é preciso atrair mais gente para o município ao longo de todo o ano. «É um ponto que tem que ser melhorado. Julgo que nunca se gastou pouco dinheiro em publicidade em Almada, mas parece que esse gasto de dinheiro nunca tinha efetividade na promoção do município. E ter publicidade mas não ter as coisas arranjadas é má publicidade», salienta Gonçalo Paulino, ao referir a importância das obras que a autarquia tem em curso.



ALMADA É O 8.º CONCELHO MAIS POPULOSO DO PAÍS

Fotografias de Anabela Luís/CMA

Como evoluiu o concelho na última década? Quais as principais mudanças? O que diferencia Almada no contexto da Área Metropolitana de Lisboa? Fomos descobrir a resposta a estas e outras questões através do olhar de Maria de Lourdes Poeira, especialista no domínio do desenvolvimento regional e urbano.

Almada cresceu e consolidou o seu desenvolvimento ao longo da última década. Apesar das vicissitudes que marcaram o país e o mundo: desde a crise económica até às consequências da pandemia. De acordo com os resultados provisórios dos Censos 2021, Almada é o oitavo município mais populoso de Portugal, com 177 400 habitantes, o que representa um crescimento de 1,9% em relação a 2011, em contra-ciclo em relação à tendência nacional - em Portugal a população diminuiu 2,1% no mesmo período.

Revista ALMADA - Entre 2011 e 2021, quais as principais conclusões da evolução registada no concelho de Almada?

Maria de Lourdes Poeira - Na última década, Almada cresceu. Existem, no entanto, variações significativas nas diferentes freguesias, sobretudo na União de Freguesias de Charneca de Caparica e Sobreda, onde o crescimento é mais acentuado do que no restante território concelhio, tendo, simultaneamente, mais população com menos de 25 anos, ao passo que as freguesias com expansão urbana tradicional mais antigas, como Almada, Cova da Piedade, Pragal e Cacilhas e Laranjeiro e Feijó perderam habitantes nos últimos 10 anos (-2,1% e -0,7% respetivamente). Sublinho ainda o envelhecimento, que é também uma característica notória e que cruza Portugal inteiro, embora seja menos acentuado no concelho em comparação com outras regiões do país.

Quais as principais diferenças entre o concelho, a Área Metropolitana de Lisboa e o país?

A Área Metropolitana de Lisboa (AML) e o Algarve são as duas áreas onde se registou crescimento populacional entre 2011 e 2021. De um modo geral, as restantes regiões do país perderam população. Almada está muito bem inserida na AML e com tendências muito similares. Tem uma dinâmica urbana mais estruturada e evoluída, e uma mancha urbana muito impressionante em relação a outros concelhos onde tendem a prevalecer ainda algumas características rurais.

À semelhança do país, regista-se um envelhecimento generalizado da população...

Há um envelhecimento mais acentuado de Almada, Cova da Piedade, Pragal e Cacilhas, com um crescimento de 29% da população acima dos 65 anos, superior ao do concelho (24%). Outros dados relevantes, que corroboram a tendência de envelhecimento da população, referem-se por exemplo, à elevada taxa de habitação própria que já não constitui encargo para as famílias, 59% de toda a habitação própria, a mais alta do concelho. Por outro lado, regista-se o número mais baixo de habitantes por alojamento (2,1%), a par da freguesia de Costa da Caparica.

O crescimento do nível de qualificações é outra das tendências que se acentuou na última década.

A que se deve este aumento da escolaridade?

À medida que a população foi evoluindo nas suas aspirações, também houve naturalmente um maior investimento na educação. Quando existe um polo universitário importante, como é o caso do Campus da Caparica, o efeito de proximidade e de atração é óbvio. Almada regista um crescimento das qualificações dos residentes superior ao da AML, no ensino secundário e pós-secundário, com um crescimento de 43%, e, sobretudo, no ensino superior, com um crescimento de 47%, sendo que a União de Freguesias da Charneca de Caparica e Sobreda apresentam um crescimento de 54% e a União de Freguesias da Caparica e Trafaria de 55%.

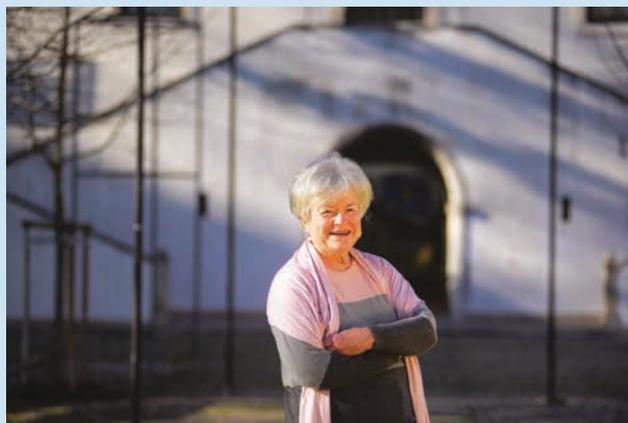
Na última década, houve um aumento significativa de população na Charneca de Caparica e na Sobreda.

O que motivou este crescimento?

A Sobreda e, principalmente, a Charneca de Caparica constituem um território muito interessante e bastante competitivo face às freguesias mais antigas e consolidadas do concelho. É apetecível para ter uma habitação unifamiliar de ano inteiro, que também serve de casa de férias, devido à proximidade à frente de praias do concelho.

É na Charneca de Caparica e Sobreda que se regista o maior número de edifícios construídos entre as décadas de 1981-2000 (mais de 8600, ou seja 49% do total de edifícios) e também nas últimas duas décadas (acima dos 4500), comparativamente com o restante concelho. Tem a mais baixa percentagem de alojamentos arrendados (15%), a mais alta percentagem de alojamentos para habitação própria (77%), mas também a mais baixa percentagem de alojamentos próprios já pagos (47%), e o número de habitantes por alojamento mais elevado do concelho - 2,6 -, um reflexo da presença de uma população mais jovem.

De que forma se deve pensar e agir em relação à evolução da população no concelho?



MARIA DE LOURDES POEIRA

Com uma vasta experiência profissional, exerceu desde 1971 atividade profissional no domínio do desenvolvimento regional e urbano, tendo participado no projeto *Portugal 2010* e no *Plano Socioeconómico Nacional 2000-2006*, no projeto *Cidades Europeias Sustentáveis*, entre 1992 e 2000, e no Grupo de Peritos de Políticas Urbanas, na OCDE - Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico, entre 1994 e 2000.

Além de assistente convidada no Departamento de Geografia e Planeamento Regional, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, na área de Sistemas de Informação Geográfica e Desenvolvimento Regional (entre 1983 e 1996), entre 2000 e 2010, foi diretora do Gabinete para o Desenvolvimento Municipal no concelho de Oeiras.

As zonas de Almada, Cacilhas e Cova da Piedade precisam de um novo fôlego urbanístico, através da conversão de espaços que atualmente se encontram devolutos, como o Ginjal e a Margueira. É importante que se continue a qualificar e a valorizar o tecido urbano tradicional do núcleo central do concelho de Almada. Há, no entanto, novos núcleos urbanos a ganhar importância, como é o caso da Charneca de Caparica, onde também é necessário criar as condições fundamentais à qualidade de vida da população, no domínio da educação e da cultura. Deve existir um equilíbrio entre estas realidades.

**CENSOS 2021
CONCELHO DE ALMADA
(VARIAÇÃO PERCENTUAL ENTRE 2011 E 2021)**

AGREGADOS

22 588	10 759	18 909	6 710	16 789
+0,3%	+5,1%	+12,6%	+9,3%	+3,2%

ALOJAMENTOS

28 086	14 115	25 856	13 833	19 821
-1%	-0,9%	+2,9%	-1,1%	+0,2%

EDIFÍCIOS

4 385	5 593	17 414	3 162	3 964
-2,5%	2,6%	+3,1%	-2,5%	+0,1%

HOMENS

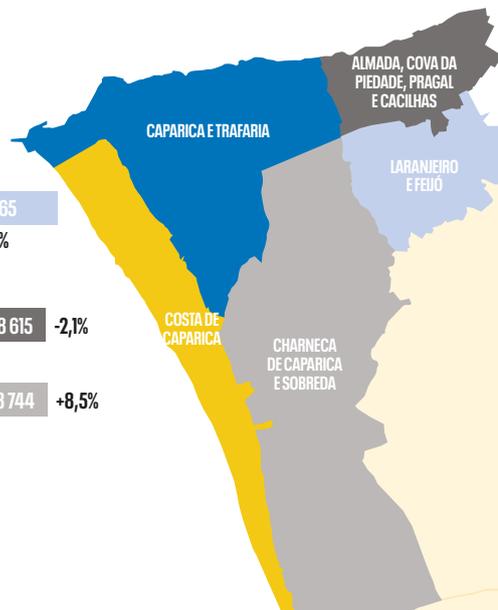
22 129	12 471	23 562	6 640	18 422
-2,3%	-1,2%	+7,4%	+4%	-2,6%

MULHERES

26 486	13 879	25 182	7 332	21 165
-2%	+2,6%	+9,5%	+4,1%	+1%

POPULAÇÃO

48 615	-2,1%
26 350	+0,8%
48 744	+8,5%
13 972	+4,1%
39 587	-0,7%







NA PAZ

Fotografias de Anabela Luís/CMA

Não interessa quantas vezes voltamos. O Parque da Paz é sempre uma descoberta feliz, que nos recebe novo, transfigurando-se a cada estação. Cheira a terra molhada, a relva cortada, a mato seco, cheira a madrugada. E os sons das folhas secas, estalando debaixo dos pés, quem se lembra? Ou das conversas dos insectos, rompendo o silencioso anoitecer azul? Do alto do Chegadoinho, olhamos a cidade, no monte da meia lua, deitados, o céu, dos pórticos de pedra a solidez das gentes, fiéis amantes deste chão de paz.





PROGRAMAÇÃO 2022

«ESTE NOSSO COMPROMISSO É SOBRETUDO UM PRAZER»

A mancha vermelha da plateia do Teatro Municipal Joaquim Benite (TMJB) foi ganhando os contornos das pessoas que quiseram descobrir, em primeira mão, a nova programação deste equipamento.

«Nunca ficamos indiferentes a esta sala cheia», confessou a presidente da Câmara Municipal de Almada perante a plateia, no dia da apresentação da nova temporada do TMJB. É «sinónimo do lugar especialíssimo que a Companhia de Teatro de Almada [CTA] tem para o seu grupo de amigos e da importância da companhia no meio teatral português», continuou Inês de Medeiros, afirmando ainda que não conhece «nenhuma companhia com uma relação tão íntima, fiel e cúmplice com o seu público».

Em 2022, o TMJB recebe 19 peças, permitindo percorrer 2500 anos de teatro. Recuperam-se duas produções suspensas pela pandemia e quase se duplicam as criações, um trabalho que valeu um elogio público de Rodrigo Francisco, diretor artístico da companhia, pela forma «inexcedível» com que a equipa se empenhou para honrar o compromisso com o público.

Uma programação «estimulante», disse o diretor-geral das artes, Américo Rodrigues, construída por uma «companhia que tem servido de exemplo para todo o país, pela maneira como programa e gere um teatro municipal».

Sete estreias a olhar o mundo de frente

Hipólito, a peça com que a CTA assinalou os seus 50 anos, regressa, chamando ao palco Cláudio Silva, vencedor do Globo de Ouro da SIC, na categoria de melhor ator de teatro. *Além da dor* traz-nos o retrato de Alexander Zeldin às camadas invisíveis da sociedade, neste caso, as empregadas de limpeza de uma fábrica de carne. Nuno Carinhas encena *O Misanthropo*, de Molière, numa versão «fresca, incisiva e ferozmente divertida», como escreveu o jornal *The Sunday Times*. *A Noite de Reis* chega pela mão do encenador alemão Piter Kleinert, que nos enleia numa comédia de enganos de Shakespeare. Já em *O medo devora a alma*, espreitamos a relação entre uma viúva e um imigrante marroquino e a forma como a sociedade reage ao envolvimento de duas pessoas, de diferentes nacionalidades, estatutos e idades.

Todos cabem neste teatro

Os mais novos continuam a ganhar raízes no TMJB. Há 13 espetáculos programados, dois dos quais novas criações da CTA, além de oficinas para a infância, sessões de leitura no teatro, ensaios abertos para turmas, ou apoio a grupos de teatro escolar. Todos os sábados, às 18h, público, encenadores e artistas conversam sobre os espetáculos da companhia. A temporada inclui criadores, músicos, artistas, nacionais e internacionais, projetos locais e também das estruturas de criação públicas - Companhia Nacional de Bailado, Teatro Nacional de São João, Teatro Nacional D. Maria II e Teatro Nacional de São Carlos. «Eles aí estão. Descubram-nos», disse Rodrigo Francisco. Este «compromisso é sobretudo um prazer», rematou.

O QUE ESPERAR DE 2022

- 19** peças de teatro
- 13** espetáculos para a infância
- 10** espetáculos de dança
- 14** concertos
- 4** exposições



Vitor Mendes/CMA



Anabela Luís/CMA

CLÁUDIO DA SILVA

«CADA PEÇA QUE FAÇO É MAIS UM PATAMAR DE APRENDIZAGEM»

No cinema, protagonizou o *Filme do Desassossego* na pele de Bernardo Soares, heterónimo de Fernando Pessoa, com o qual foi distinguido, em 2011, como melhor ator pela Sociedade Portuguesa de Autores, e *Peregrinação*, onde deu vida a Fernão Mendes Pinto. No seu percurso profissional conta com inúmeras peças de teatro, entre as quais o monólogo *Se isto é um homem* e ainda várias participações em televisão e nas artes performativas. É no Teatro Municipal Joaquim Benite que podemos vê-lo, até 20 de fevereiro, a interpretar *Hipólito*, com a Companhia de Teatro de Almada.

Revista ALMADA – Em fevereiro, está em cena no Teatro Municipal com «Hipólito», tragédia grega de Eurípedes. De que forma este texto com mais de 2000 anos continua atual?

Cláudio da Silva – As tragédias gregas têm muita influência, muita preponderância não só no teatro, mas mesmo ao nível do pensamento, da filosofia, da psicologia, de várias ciências. Podemos encontrar nelas a base, os arquétipos do pensamento, da nossa mente. Nas tragédias há uma reflexão profunda sobre a civilização, sobre o pensamento humano e sobre as coisas profundas que nos tocam.

Temos a moral, a pulsão do amor e sexual, o ciúme, a vingança... O que vem de dentro de nós.

Em 2021, foi premiado pela sua interpretação em «Se isto é um homem», de Primo Levi, um testemunho sobre o holocausto, sobre a humilhação do homem pelo homem. Que importância tem este monólogo no seu percurso profissional?

É um dos momentos mais marcantes. O mais difícil foi não desvirtuar a obra de Primo Levi e manter toda a sua dignidade. Deixar que o texto fluísse e, ao mesmo tempo, dando-lhe algo de mim,

de humano, tentando evitar o espetacular. Há muitos filósofos contemporâneos que pensam e usam este texto como material para o pensamento sobre a atualidade. É um relato, em nome próprio e pela primeira vez, de alguém que escapa a uma coisa horrível, mas que traz consigo uma reflexão sobre até onde chega a maldade, até onde chega a incapacidade de dizer não, como nos podemos salvar no meio de uma tempestade. Salvar não só a nossa pele, mas a nossa identidade, a nossa sanidade mental.

O que é mais importante na arte de representar e na criação de um personagem?

Na arte do teatro – prefiro essa palavra, porque não me vejo a representar – estou a atuar, a agir sobre. Sinto que cada peça que faço é mais um patamar de aprendizagem, de quem é o autor, o que quer dizer, mas também de um processo de aprendizagem interior, de nos levar até certos sítios que não conhecemos. Descobrimos partes de nós que muitas vezes, no nosso quotidiano, passam despercebidas. Isto acontece, sobretudo, quando estamos todos, os que estão a fazer e os que estão a ver, num processo de comunicação coletiva, durante uma ou duas horas. Não é só fruição e espetáculo. É um preocupar-se com uma espécie de vida maior e é isso que o teatro tem de divino e a Arte, de uma maneira geral. Quando se consegue entrar nesses sítios as coisas ganham outra importância.

Que desafios gostava que ter nos próximos anos?

Não sei... nunca pensei fazer *Se isto é um homem*, de Primo Levi, ou *Lorenzaccio*, de Musset... A vida é tão mais interessante assim, não é? Gosto de ser surpreendido, entregar-me às coisas e vê-las como o próximo passo, a próxima casa a habitar e trabalhar nisso. Tenho esta ideia de fazer uma personagem feminina. Já fiz *Macbeth*, de Shakespeare, mas gostava de interpretar a *Lady Macbeth*, ou a *Medeia*, de Eurípedes. Seria um desafio.



CONCERTO DE ANO NOVO

UMA ODE AOS MUSICAIS DA BROADWAY E DO WEST END

Fotografias de Vitor Mendes/CMA

Nomes maiores do teatro musical, como Madalena Alberto, Sofia Escobar, John Addison ou Timothy Howar, interpretaram na tarde de 15 de janeiro, na emblemática sala da Academia Almadense, alguns dos temas mais conhecidos de espetáculos como *O Fantasma da Ópera*, *Evita*, *Molin Rouge*, *My Fair Lady*, ou *Os Miseráveis*. A acompanhar este virtuoso elenco esteve a Orquestra Promenade, dirigida pelo maestro Élio Leal. O convite a Timothy Howar, que, embora já conhecesse a comida e o vinho portugueses, nunca tinha estado no nosso país, e John Addison, a poucos dias do espetáculo, para substituir dois dos solistas (Gerónimo Rauch e Ricardo Afonso), tornou-se numa oportunidade única para que, pela primeira vez, este quarteto de solistas subissem ao palco juntos.

Revista Almada – O que é mais desafiante no universo do teatro musical?

Madalena Alberto – A resistência, porque fazemos seis a oito espetáculos por semana, durante muito tempo.

Sofia Escobar – Temos contratos longos, geralmente de um ano, em que é preciso manter a personagem fresca em todos os espetáculos. Há uma exigência diferente, sobretudo ao nível vocal. É necessária muita disciplina com o nosso instrumento de trabalho, o nosso corpo.

John Addison – Penso que todas as diferentes facetas que temos de utilizar. Temos de saber representar, dançar e cantar os mais vários estilos musicais...

Timothy Howar – É entusiasmante, mas, ao mesmo tempo, desafiador interpretar musicais tão diferentes como *O Fantasma da Ópera* ou *Jesus Cristo Superstar*. É muito difícil ir da ópera ao rock, sobretudo para a voz, mas essa diversidade é também muito estimulante. Não há muitas pessoas no mundo do espetáculo que tenham essa oportunidade que o teatro musical permite.

Qual o musical mais marcante das vossas carreiras?

Madalena Alberto – No meu caso foi a *Evita*, por ser um papel muito completo e ter uma grande exposição.

John Addison – Quando era criança fui ver *Starlight Express* [musical rock, de Andrew Lloyd Webber]. No final, visitei aos bastidores e fiquei fascinado. Tinha apenas sete anos - todos pareciam gigantes com os patins, cheios de cor - e pensei que tinha de fazer parte daquele mundo fantástico. Quanto ao musical mais desafiante em que participei, penso que será *Jekyll & Hyde*, porque interpretava duas personagens opostas, o *yin* e *yang*, com características muito diferentes, entre o estilo mais roqueiro e o estilo operático.

Timothy Howar – Com cerca de 11 anos, fui ver o musical *Annie*. Não queria nada ir, mas depois de assistir ao musical, gostei tanto que poupei dinheiro para o voltar a ver! Fiquei completamente abismado. Nunca tinha visto nada assim. Mas, não queria fazer musicais, queria ser um artista, desenhar, pintar, esculpir... Foi um professor de arte dramática que mudou a minha vida e forçou-me a fazer musicais (risos). O início da minha carreira no teatro musical foi como Artful Dodger, do musical *Oliver*, com apenas 18 anos e com a interpretação de Benjamin no musical *Joseph and the Amazing Technicolor Dreamcoat*. O teatro musical levou-me a percorrer os Estados Unidos, o Canadá e uma grande parte da Europa. Nunca pensei que fosse possível...

Sofia Escobar – Para mim, definitivamente, foi *O Fantasma da Ópera*. [Este musical] salvou-me, porque estava na eminência de começar a pagar o empréstimo que contrai para estudar, para o qual os meus pais hipotecaram a casa. Iniciámos os ensaios em agosto e eu tinha de começar

a pagar o empréstimo em setembro... Nunca pensei vir a representar a Christine. Eu e o Jonh [Addison], como Raoul, éramos os substitutos nesse musical.

Os últimos dois anos foram complicados para toda a sociedade e, muito em particular, para o setor cultural. Como enfrentaram este período e o que foi mais difícil?

Sofia Escobar – Foi um desafio enorme para todos, mas penso que os artistas sofreram bastante mais, porque não podemos fazer teletrabalho, não podemos fazer o nosso trabalho por zoom, precisamos de o fazer ao vivo. Além disso, o apoio ao meio artístico é quase inexistente. É muito frustrante.

Timothy Howar – Os artistas não são dispensáveis. São uma parte essencial da nossa comunidade, mas todos os que eram atores ou músicos foram excluídos. Foi muito difícil. Felizmente, tinha algumas poupanças, mas tudo o resto desapareceu. No Reino Unido não houve apoio. O governo disse aos artistas para aprenderem outro ofício! Ninguém diz a um advogado ou a um médico para deixar a sua profissão e exercer outra.

Sofia Escobar – O que é irónico é que os artistas são os primeiros a ser contactados sempre que é necessário ser solidário com alguma causa e a maioria de nós acede fazê-lo, mas quando se trata de nos ajudar, a resposta é que a cultura não é importante...

John Adisson – Não se trata apenas de entretenimento. A Arte transmite-nos emoção, faz-nos sentir...

Sofia Escobar – Como artistas, desempenhamos um papel importante na saúde mental das pessoas. A Arte é importante para nos sentirmos inspirados, para nos emocionarmos...

Timothy Howar – Como em qualquer crise, os artistas e a Arte, de um modo



John Addison, Madalena Alberto, Sofia Escobar e Timothy Howar na Tv. da Academia Recreio Almadense

geral, acaba sempre por sobreviver, porque é algo faz parte da humanidade.

Que projetos têm previstos para 2022?

John Adisson – Neste momento estou a fazer o musical *Pretty Woman*, em Londres, até junho. Com todos os cancelamentos que têm acontecido, tenho muita sorte de integrar um espetáculo que está cheio todas as noites.

Timothy Howar – Estou a trabalhar num álbum a solo com alguns produtores e a fazer alguns workshops em Los Angeles e em Londres.

Madalena Alberto – Nos próximos meses, estarei em Lisboa e no Porto com o espetáculo musical *Evita*.

Sofia Escobar – No meu caso, vou voltar a participar no programa televisivo *Got Talent Portugal* e, em março, lanço o meu primeiro álbum.

UM BERLINDE NO CHÃO, QUASE NO MEIO DA SALA

SUSANNE THEMLITZ CONVIDA-NOS A UM OUTRO OLHAR



Anabela Luís/CMA

Um desafio à artista, no âmbito do 20.º aniversário do Chão das Artes – Jardim Botânico, leva-nos a uma redescoberta e a olhar diferentes objetos na sua relação com distintos espaços.

Um Berlinde no Chão, Quase no Meio da Sala permite-nos descobrir 20 anos de trabalho de Susanne Themlitz, através de uma intervenção na qual a artista incorpora obras pensadas especificamente para a Casa da Cerca – Centro de Arte Contemporânea com outras já existentes.

A exposição foi destacada, na revista do Expresso, pelo crítico de arte Celso Martins, classificando-a com uma nota elevada. A distinção deixou a artista «contente», porque «é um observador muito atento» e que «sempre acompanhou o meu trabalho».

Acerca da exposição, Susanne Themlitz reconhece que foi «um prazer ter este desafio e este convite», uma vez que a Casa da Cerca «não é um lugar que desconhecisse».

O ponto de partida para Um Berlinde no Chão, Quase no Meio da Sala,

segundo a artista, foi «o refletir sobre o Chão das Artes – Jardim Botânico», trazendo uma paisagem, já trabalhada, a natureza, para dentro da cidade, a partir de fragmentos». Para Filipa Oliveira, programadora e curadora de artes visuais do Município de Almada, este «é um ensaio sobre o olhar, enquanto ato de apreensão do mundo, e sobre o desenho como espaço de mediação, de captação e de interpretação do olhar».

Em paralelo à exposição Um Berlinde no Chão, Quase no Meio da Sala, a Casa da Cerca apresenta uma seleção de livros de Susanne Themlitz, desde 1994 até ao presente, com o título Folhas e Folhas.

As exposições podem ser visitadas, até 20 de fevereiro de 2022, de terça a domingo, das 10h às 18h. A entrada é gratuita.

CMA REFORÇA PARCERIA COM PROJETO *HOUSING FIRST*

Empenho, dedicação, capacidade de mobilização e orgulho foram as palavras escolhidas pela presidente da Câmara Municipal de Almada (CMA), Inês de Medeiros, para caracterizar o Projeto *Housing First*, na tarde de 11 de janeiro, por ocasião da assinatura formal de um protocolo, no Centro Distrital da Segurança Social de Setúbal.

A CMA reforça a sua parceria com o projeto *Housing First*, integrado no Plano de Intervenção Com Pessoas em Situação de Sem Abrigo, cedendo 7 salas de condomínio no Monte de Caparica, como resposta de integração habitacional.



Florbela Salgueiro/CMA

O *Housing First*, formalmente, traduz-se através de um protocolo entre o Centro Distrital da Segurança Social de Setúbal e o Centro Social e Paroquial Nossa Sra. da Conceição da Costa de Caparica, entidade esta que irá gerir o projeto.

A presidente da CMA recordou ainda, na assinatura do protocolo, os desafios que têm sido sentidos durante o contexto de pandemia, sublinhando a «necessária e fundamental articulação permanente, entre as várias instituições, associações e IPSS», a fim de serem encontradas respostas para estes cidadãos em situação de vulnerabilidade.

A Ministra do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social, Ana Mendes Godinho, que presidiu ao evento, encerrou o encontro evidenciando que este «é um dia de esperança, porque estamos todos, enquanto sociedade, a procurar mobilizar o melhor que sabemos ao serviço de todos e não só de alguns, sendo essa uma missão coletiva».

DECISÕES CMA

Na reunião de Câmara de 3 de janeiro foi aprovada, por unanimidade, a proposta de doação de manuais e materiais escolares excedentários do Programa Pasta Escolar ao Município de São Vicente, Cabo Verde. Nessa mesma reunião foi também aprovado o apoio à Criação Teatral e Mostra de Teatro de Almada para o ano de 2022.

A 17 de janeiro, a autarquia aprovou, em reunião de Câmara, a elaboração de um contrato com o grupo GIRA, que visa implementar o projeto de *Housing First* em Almada. Nesse mesmo dia e por proposta da Presidente, o executivo aprovou por unanimidade o programa *Dinamizar Mais*, na área do desenvolvimento económico e emprego.

EXPOSIÇÃO MULHERES PESCADORAS DE PORTUGAL

Foi inaugurada em janeiro a exposição de pintura de Stella Maris Vallejo, *Mulheres Pescadoras de Portugal*, que retrata a relação entre a atividade da pesca e o contributo feminino. A mostra está disponível no Posto de Turismo da Costa da Caparica até ao mês de março.



EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA DE JOSÉ FRADE

A galeria do Teatro Municipal Joaquim Benite acolheu, no passado dia 17 de janeiro, a exposição Pina Bausch, de José Frade. Uma exposição de fotografias da bailarina e coreógrafa alemã que decorre até ao mês de abril.

TURISMO CULTURAL E INOVAÇÃO

AS COMUNIDADES LOCAIS TÊM QUE ASSUMIR CADA VEZ MAIS A SUA IDENTIDADE

As várias formas de turismo cultural (TC) na Europa e em concreto, em Almada, são importantes motores para um desenvolvimento social e económico sustentável. Todavia, o pleno potencial de inovação que o TC pode oferecer, ainda não está totalmente explorado. Almada é um dos pilotos urbanos do Projeto IMPACTOUR, financiado pela União Europeia, que surge com a principal ambição de criar uma ferramenta tecnológica e inovadora para medir e avaliar o impacto do TC. O IMPACTOUR é coordenado, em Portugal, pelo UNINOVA (Unidade de Investigação da FCT NOVA / Universidade NOVA de Lisboa).

Em entrevista, o coordenador do Projeto IMPACTOUR e presidente do Departamento de Engenharias Eletrotécnica e de Computadores da FCT NOVA, João Martins, explica a amplitude deste projeto, que está ativo desde janeiro de 2020 e que deve ser cumprido até junho de 2023.

Em que estágio se encontra esta ferramenta tecnológica e como é que funciona?

Em primeiro lugar, importa frisar que há uma grande dificuldade em distinguir o turismo comum do turismo cultural.



Anabela Luís/CMA

Quando perguntamos aos nossos parceiros quanto a dados concretos sobre o TC, a resposta invariavelmente é - «não temos». A recolha de dados não é simples do ponto de vista humano, tecnológico e financeiro. Neste momento estamos numa fase de recolha de dados para o desenvolvimento técnico da plataforma. É pretendido criar um conjunto de regras e métricas base que irão ser implementadas numa plataforma informática, que ficará disponível através do website do IMPACTOUR. Esta ferramenta vai funcionar por forma a que os nossos parceiros associados (municípios, associações culturais, etc.) e outros que, entretanto, se juntem, possam ao longo do tempo ir inserindo na plataforma, as boas práticas, lições aprendidas e as estratégias que seguiram nos seus projetos. A ferramenta atingirá o máximo do seu potencial quanto mais dados tiver ao seu dispor. O objetivo é que qualquer cidadão ou instituição possa avaliar



Anabela Luís/CMA

João Martins, coordenador do Projeto IMPACTOUR e presidente do Departamento de Engenharias Eletrotécnica e de Computadores da FCT NOVA

Compreender o ADN de um território

O mote lançado pelo Projeto IMPACTOUR, traduziu-se numa dinâmica troca de experiências para a CMA, que através da Divisão de Turismo tem participado ativamente e de forma sistemática em vários grupos de trabalho com parceiros europeus. Esta interação tem permitido à CMA refletir quanto à identidade do concelho, como forma de melhor comunicar o seu valor, quer para os diferentes grupos de turistas, quer para futuros investidores. Os exemplos de outras realidades europeias têm levantado novos desafios, contribuído para repensar, moldar estratégias e trazer



a sua estratégia/projeto com base na experiência acumulada e muitas vezes dispersa. Poderão consultar se o que esperam está acima ou abaixo da média espetável, ficando logo com uma primeira visão sobre a exequibilidade da ideia. Podem estabelecer os seus objetivos de uma forma mais racional e fiável, e daí retirar boas práticas e novas soluções. A ideia é que a plataforma se apresente como um auxiliar de decisão.

Que métricas é que esta tecnologia avalia?

Fizemos um estudo aprofundado das métricas que são usadas pelo TC e temos cerca de 50 métricas divididas por 2 áreas – caracterização e resiliência – e 4 domínios – cultural, social, ambiental e económico – com uma média de 5 métricas por cada domínio. Posso dar alguns exemplos. No domínio cultural, temos métricas relacionadas com a preservação de edifícios históricos. No social, avaliamos a métrica da inclusão social e a interculturalidade. Quanto ao ambiente, são avaliados fatores como a qualidade ou a consciência ambiental e no domínio da economia, consideramos, por exemplo, o fluxo turístico ou a capacidade de inovação.

O IMPACTOUR está a colaborar com vários pilotos (rurais e urbanos) na Europa. Qual a importância estratégica destes projetos-piloto e quantos estão ativos?

Estes pilotos fornecerão uma série de dados sobre fluxos de visitantes, bens culturais, indicadores económicos e sociais, ajudando a construir e testar a ferramenta tecnológica. Pretendemos que esta ferramenta seja sustentável, que tenha continuidade e que não acabe quando o IMPACTOUR chegar ao fim. A participação ativa e contínua destes projetos-piloto, de toda a comunidade IMPACTOUR, é essencial. Será criada uma comissão permanente, que acompanhará no futuro esta ferramenta, garantindo que os dados introduzidos pelos parceiros sejam, sempre, de qualidade e credíveis. Neste momento temos 30 pilotos ativos na Europa e na área metropolitana de Lisboa, temos Almada e Cascais.



Vítor Mendes/CMA

Porque é que Almada foi escolhida como piloto urbano e como é que esta tecnologia poderá contribuir para um desenvolvimento económico e social mais sustentável neste concelho?

Almada foi escolhida porque a FCT NOVA tem, desde sempre, uma muito boa relação com a Câmara Municipal de Almada (CMA) e para nós era óbvio fazer este convite. A ferramenta tecnológica fornecerá um conjunto de dados que permitirá tomar decisões de uma forma mais apoiada. A Almada proporcionará algum benchmarking, compreendendo juntamente com os outros pilotos urbanos, onde poderá estar melhor ou menos bem posicionada. Permitirá perceber onde é que Almada deve canalizar mais esforços e se as estratégias, com bons resultados, que foram utilizadas por outros parceiros, poderão complementar as estratégias, por exemplo, da CMA. Esta ferramenta servirá para perceber onde estão as mais valias e onde podem estar os nichos, que nos permitem alcançar determinados indicadores, obtendo retorno e potenciando o turismo de forma sustentável. Eu acho que estamos cada vez menos isolados e nós, comunidades locais, temos que assumir cada vez mais a nossa identidade, mas olhando para a Europa. No contexto do TC, a europeização, numa lógica de mostrarmos quem somos, traz vantagens.



Vítor Mendes/CMA

para o centro de discussão a necessidade de reinvenção num contexto de pandemia: como é que o turismo se mantém e quais são as novas tendências? Como é que se faz sobreviver as tradições sem chocar com aquilo que é o desenvolvimento tecnológico?

Este é um concelho de grande diversidade cultural e social, um espaço multicultural onde convergem indivíduos de origens, raças e credos distintos. Distinta também na sua história, tendo das coletividades e associações mais antigas do país. De tradição artística, desportiva, piscatória, agrícola, com legado industrial e etnográfico. Almada é um concelho com frente de rio e de mar. Num momento de intensa mutabilidade social, cultural e tecnológica, o Projeto IMPACTOUR veio avivar a importância de compreender o ADN de um território, a fim de se encontrar o seu carácter diferenciador, partindo do princípio que é o que nos diferencia que nos torna únicos.



ANA NAVE

«ALMADA TEM ADN CRIATIVO E EMPREENDEDOR»

Fotografias BYCom



Ana Nave nasceu, cresceu e viveu quase toda a vida em Almada. Uma passagem breve por Lisboa, na Rua Augusta, serviu para confirmar que «Almada é uma cidade especial», com muita qualidade de vida.

Não só pela extensa oferta cultural, ou pela «facilidade com que as pessoas se associam para fazer coisas, neste lado mais criativo que para mim, claro, está muito ligado ao teatro», mas também porque «há sítios magníficos em Almada para pisar a terra e estar em contacto com a natureza», dos areais da Costa, a perder de vista, ao Parque da Paz.

Aos 53 anos, a atriz e encenadora relembra o momento decisivo da sua carreira. «Fui muito cedo para a Academia Almadense, participei em coros e aulas de teatro. Um(a) aulas incríveis na Incrível Almadense, com a Maria Santos. Foi quando soube que queria ser atriz, era muito pequena.»

Iniciou-se na Companhia de Teatro de Almada, que funcionava na Academia Almadense, onde trabalhou com Joaquim Benite,

«uma figura incontornável da cidade». E foi também através de um projecto da CTA que ganhou, ainda criança, o gosto pelo teatro. «Eu ia com a minha turma e as outras turmas todas iam ver três espetáculos por ano.»

Ana Nave elogia a oferta cultural em Almada - «uma coisa preciosa» -, fruto da vivência colectiva no associativismo, que junta gerações muito distintas à roda do fenómeno criativo, sobretudo no teatro amador. É algo que tem deixado marcas: «Na Escola de Teatro de Cascais, há mais de 9 anos que há sempre finalistas de Almada.»

Dos passeios pelo Cais do Ginjal, à subida a Almada Velha, um passeio que faz «quase diariamente», passando pela gastronomia ou pelas praias da Costa, Ana Nave afirma que, nestes tempos de incerteza e recuperação da crise pandémica, Almada tem um trunfo decisivo: «é esse ADN criativo e empreendedor que nós temos por cá, e isso é muito bom. Onde há necessidade surge uma solução».



DESCUBRA, NA COSTA, COMO NEM TODOS OS CAFÉS SÃO IGUAIS

Fotografias BY Com

Atrás do balcão, José Carlos Babo prepara um café. «É da Guatemala», diz, sublinhando a origem especial daquele lote. Apanha uma porção de grãos e leva a uma pequena balança, para ter a medida exata daquilo que considera ser um café bem feito. Depois de moído e com algum tempo a passar pelo filtro, dá a bebida a experimentar e propõe que se tente identificar outros sabores. A experiência traz surpresas, porque associado a um aroma fresco e distinto, o café salienta notas frutadas. Nada que se pareça com os expressos comuns do dia a dia.

Este é o espírito da Asante Coffee, uma cafetaria inaugurada na Costa de Caparica para atuar no mercado dos cafés de especialidade. O segmento ainda pode ser considerado um nicho em Portugal, pela falta de hábito dos consumidores locais. No entanto, é uma bebida ao gosto de estrangeiros vindos de outros países europeus e também da Austrália, Canadá ou Estados Unidos, que formam 70% da clientela atual. Mas, isso está a mudar. O conceito dos cafés «single origins» já começa a conquistar os portugueses, afirma José Carlos Babo.

A Asante Boutique Coffee Roaster, que é o nome completo do espaço, tem o foco no setor empresarial e o espaço aberto ao público é uma forma de branding. A estratégia passa por conquistar apreciadores e consolidar a marca num mercado

com forte potencial de crescimento. A empresa trabalha com cafés 100% arábica, provenientes de dois continentes. Etiópia e Quênia são as duas origens em solo africano, enquanto Peru, Honduras e Guatemala representam o continente americano, com produtos de excelente reputação.

E o que será preciso para termos um café de especialidade? Há critérios rigorosos. Os grãos não podem ter defeitos e os lotes devem ser pontuados por certificadores internacionais. Outro fator é a altitude da origem que, segundo o empresário, deve ser acima dos 1.200 metros para garantir um grão com menor teor de cafeína. Mas um dos pontos que mais chama a atenção é a exigência de ser colhido à mão, que como José Babo admite, «é um trabalho muito duro e os produtores ainda não estão a receber um valor justo».

A questão do valor na cadeia produtiva remete para a origem do nome. «Asante» significa «obrigado» em suáli - uma língua da costa leste de África e uma das línguas oficiais do Quênia, do Ruanda, da Tanzânia e do Uganda. O responsável pelo espaço conta que é uma forma de agradecer a todos os intervenientes no processo, desde o produtor até ao consumidor. Mas qual é a melhor forma de consumir um café



de especialidade? O primeiro passo é escolher entre o tradicional método do expresso ou o processo mais lento do *pour-over*, com passagem por filtro. O empresário não tem dúvidas. «É nos *pour-overs* que conseguimos descobrir todas as características do café.»



CHARNECA DE CAPARICA

A freguesia foi criada a 4 de outubro de 1985 e é a maior do concelho. Constitui património inestimável desta freguesia a área protegida da Arriba Fóssil e a Mata Nacional dos Medos. A referência histórica mais antiga sobre a Charneca de Caparica respeita ao Convento da Cela Nova, mais tarde chamado de Nossa Senhora da Rosa.

Fotografias de Vítor Mendes/CMA



Elisabete Silva
Comerciante no Mercado Municipal

Trabalha há 25 anos, como peixeira, no Mercado Municipal da Charneca de Caparica e testemunhou as várias fases deste espaço. A sua banca de peixe tem-se mantido desde o início de vida deste Mercado. É um negócio familiar e com Elisabete Silva trabalham os seus três filhos. Com gracejo e candura no olhar, confidencia que «por um lado é bom, porque estamos juntos e ajudamo-nos, mas por outro, acabamos por «passar a mão», proteger e desculpar tudo».

Elisabete recorda um Mercado onde não havia receios e onde se andava à vontade. Mas, agora, «com a pandemia, temos que ter mais cuidado e obedecer às regras, para que as pessoas se sintam seguras». Para Elisabete, o Mercado não tem, nem mais, nem menos gente. A afluência é igual. O que destaca é que os clientes são mais jovens e mais seletivos face à origem dos produtos, e quanto a isso, esclarece para que não haja dúvidas: «aqui não há uma central distribuidora, como nas grandes superfícies. Aqui, os produtos são entregues tão frescos como os encontramos. Nós vamos diretamente às lotas».

É feliz a trabalhar num Mercado onde conhece os clientes todos pelo nome, e onde o ambiente entre colegas é salutar, pois «toda a gente se dá bem. Toda a gente se ajuda, se for necessário». Com satisfação partilha ainda que «foram colocadas as placas de sinalização, que tanto pedimos». Esta sinalética tem indicado a localização do seu Mercado.



Manuel Rodrigues
Reformado

Fez 75 anos a 16 de janeiro e não consegue precisar há quanto tempo tem casa na Charneca de Caparica. Inicialmente, quando comprou a sua casa em Vale de Cavala, seria apenas para vir passar os fins de semana. Mas depois a vida, que era feita em Lisboa, mudou. «Eu e a minha falecida esposa viemos para cá, para estar mais próximos do meu filho, da nora e do meu querido primeiro netinho.»

Vive sozinho e está bem assim. Não quer ir viver com o filho. Gosta da sua independência e de viver ao seu ritmo. Relata, sereno, que a Charneca é pacata e lugar bom de se viver, mas que «há que ter sorte com os vizinhos. Eu tenho sorte com a vizinhança, eles olham por mim. Mas verdade seja dita, que eu também ajudo muita gente».

Fazendo um exercício de memória, resgatou a Charneca do pós 25 de abril e o que imediatamente distinguiu foram «os primeiros tempos de excessos e das liberdades todas». Na altura, conta o Sr. Rodrigues, os pais da comunidade de Vale de Cavala, receavam pelos seus filhos e queriam-nos ocupados, pois havia «maus vícios - as drogas...». Assim, uniram-se, e fundaram o Real Clube de Vale de Cavala, «que ainda está lá!». Quando questionado, se a estratégia resultou, lança um brioso e agradecido «sim!».

VOXPOP



Emídio Gonçalves
Reformado

Reside na Charneca de Caparica há mais de 40 anos. Sempre trabalhou fora e regressava à sua residência apenas para dormir ou para passar os fins de semana em família. A sua relação com a Charneca foi sendo construída, mas não chama a si o direito de ser grande conhecedor da freguesia, visto que nunca ficava por muito tempo.

Contudo, Emídio Gonçalves, antigo pintor de carros, é rigoroso no que toca ao que poderia ser melhorado na freguesia, pois sente que «a Charneca precisa de muito mais: as estradas não estão capazes. Há muitos buracos. O comércio é pouco e se quiser comprar alguma coisa, tenho que ir a Almada. Acho que está tudo muito parado. A única coisa que realmente foi construída e que dá muito jeito, foram os Correios».

No Botequim, zona onde reside, conta que os moradores sempre foram muito atentos às necessidades que iam surgindo, no que toca ao estado das estradas ou das casas: «a recuperação ali feita, muito se deve às mãos dos moradores». Emídio gosta de viver na Charneca, local onde os seus filhos nasceram e continuam a viver, mas gostaria que «ganhasse mais vida».



Maria Maia
Feirante

«Ora, há 35 anos que vivo aqui. Sim, já lá vão muitos anos». Maria Maia, reside na Charneca desde que se casou e por cá ficou. Sempre foi feirante e lembra-se dos bons tempos das feiras, «quando havia muita gente e se vendia bem». Atualmente, «a pandemia alterou tudo. Não há muitas feiras e estou a aguardar a minha autorização para vender aqui na feira da Charneca. Estou em lista de espera».

Os seus tempos livres são passados com os 3 netos: «Eles são pequenos e gostam muito de vir para a minha casa na Charneca, porque há espaço para brincar e porque têm um parque aqui perto». Confessa que tem mais receio de sair de casa e que para si «o mundo está mais triste. A natureza está diferente. A Pandemia retirou-nos a vida que tínhamos, por isso os meus netos são a minha maior alegria».

Da Charneca, tem memória dos carnavais muito animados de há 15 anos, pois «as pessoas iam para a rua e brincava-se assim ao Carnaval». Nos dias de hoje, apesar de considerar que muito está diferente, olha para a sua freguesia como um lugar sossegado, muito seguro e onde gosta de viver.

UM TESOURO ESCONDIDO DO MESTRE CARGALEIRO

Fotografias BY Com



Quem passa pelo jardim Dr. Alberto Araújo, perto do Corpo de Bombeiros, na zona central de Almada, talvez não perceba, mas está ali um valioso tesouro cultural da cidade. Trata-se de um painel em faiança policromada da autoria do mestre Manuel Cargaleiro. Instalado entre 1955 e 1956, no ano passado foi alvo de profundos trabalhos de restauro.

O valor histórico da obra, que tem 15 metros de extensão, vem do facto de ter inaugurado, em Almada, a tradição da azulejaria em espaços públicos. A ideia fez caminho e hoje, passadas quase sete décadas, a cidade conta com um vasto acervo de murais espalhados pela sua paisagem urbana, com criações de outros autores conceituados.

Este painel, de composição abstrata, faz parte da primeira fase criativa de Manuel Cargaleiro, num momento em que o mestre introduzia uma nova linguagem na azulejaria portuguesa. O movimento contribuiu para recolocar esta arte em lugar de destaque na produção artística do país. O painel é composto por sete panos de azulejo de faiança.

Instalada numa zona arborizada, delimitada pelo Centro Social Paroquial, a obra não está muito visível e pode passar despercebida aos passantes. Mas um olhar mais atento permite descobrir a beleza dos seus esquemas geométricos, nas cores verde, branco e azul, que ganharam nova vida após o minucioso trabalho de recuperação realizado em 2021.



QUALIDADE DA ÁGUA

4º Trimestre 2021

Análises Realizadas à Água

1007 para consumo humano

632 destinada à produção de água para consumo humano

1002 controlo operacional de produção

Pontos de amostragem/colheitas

32 furos de captação de água subterrâneas

6 estações elevatórias com cloragem

11 reservatórios

717 pontos estratégicos do sistema de abastecimento de água na torneira do consumidor

Resultados

Os resultados analíticos apresentados demonstram que a água distribuída no concelho de Almada está em conformidade com as normas de qualidade estabelecidas nos Decreto-Lei n.º 152/2017 de 7 de dezembro, que altera o Decreto-Lei n.º 306/2007, de 27 agosto e Decreto-Lei n.º 236/98, de 1 agosto.

O Programa de Controlo da Qualidade da Água 2021 dos SMAS foi apresentado e aprovado pela Entidade Reguladora de Serviços de Águas e Resíduos (ERSAR), com base no disposto na legislação indicada, que incide sobre o sistema de distribuição do concelho de Almada, com colheitas regulares em 717 pontos estratégicos do sistema de abastecimento de água.

Todas as determinações são realizadas no cumprimento das disposições constantes na lei, nomeadamente no que se refere a parâmetros, frequência de amostragem e análise e métodos analíticos.

O Edital do 4º Trimestre de 2021 encontra-se afixado nos locais próprios SMAS/CMA e Juntas de Freguesia do Concelho e é divulgado em www.smasalmada.pt.

RESUMO DE ANÁLISES DO CONCELHO DE ALMADA de 01-10-2021 a 31-12-2021

Parâmetros	Unidades	VP*	n° análises /trimestre		Resultados**			conformidade	
			prev.	realiz.	%	Mínimo	Máximo	%	n°
CONTROLO DE ROTINA 1									
Parâmetros de maior frequência, dizem respeito à microbiologia básica e desinfetante residual									
Bactérias coliformes	UFC/100mL	0	106	106	100,0%	< 1 (LQ)	5	99,1%	105
E. coli	UFC/100mL	0	106	106	100,0%	0	0	100,0%	106
Cloro residual livre	mg/L Cl	---	106	106	100,0%	0,16	0,59	100,0%	106
CONTROLO DE ROTINA 2									
São de frequência intermédia, agrupam os parâmetros com maior probabilidade de sofrer alterações significativas num espaço de tempo reduzido									
Número de colónias a 22°C	UFC/mL	---	42	42	100,0%	< 1 (LQ)	> 300	100,0%	42
Número de colónias a 37°C	UFC/mL	---	42	42	100,0%	< 1 (LQ)	> 300	100,0%	42
Condutividade	µS/cm	2500	42	42	100,0%	393	677	100,0%	42
Cor	mg/L Pt/Co	20	42	42	100,0%	< 2,0 (LQ)	< 2,0 (LQ)	100,0%	42
pH	unidades de pH	>= 6,5 e <= 9	42	42	100,0%	6,8	7,8	100,0%	42
Cheiro	Factor de diluição	3	42	42	100,0%	< 1,0 (LQ)	< 1,0 (LQ)	100,0%	42
Sabor	Factor de diluição	3	42	42	100,0%	< 1,0 (LQ)	< 1,0 (LQ)	100,0%	42
Turvação	UNT	4	42	42	100,0%	< 0,3 (LQ)	< 0,3 (LQ)	100,0%	42
Enterococos	UFC/100 mL	0	42	42	100,0%	0	0	100,0%	42
CONTROLO DE INSPEÇÃO									
São os de menor frequência, incluem todos os restantes parâmetros de ensaio definidos na legislação, e que em circunstâncias normais só se alteram em longos períodos de tempo									
Alumínio	µg/L Al	200	4	4	100,0%	< 30 (LQ)	43	100,0%	4
Amónio	mg/L NH4	0,5	4	4	100,0%	< 0,02 (LQ)	< 0,02 (LQ)	100,0%	4
Clostridium perfringens	UFC/100ml	0	4	4	100,0%	0	0	100,0%	4
Ferro	µg/L Fe	200	4	4	100,0%	< 50 (LQ)	192	100,0%	4
Manganês	µg/L Mn	50	4	4	100,0%	< 15 (LQ)	< 15 (LQ)	100,0%	4
Nitratos	mg/L NO3	50	4	4	100,0%	< 10 (LQ)	20,0	100,0%	4
Nitritos	mg/L NO2	0,5	4	4	100,0%	< 0,02 (LQ)	< 0,02 (LQ)	100,0%	4
Oxidabilidade	mg/L O2	5	4	4	100,0%	< 1,5 (LQ)	2,3	100,0%	4
Antimónio	µg/L Sb	5	4	4	100,0%	< 1,5(LQ)	< 1,5(LQ)	100,0%	4
Arsénio	µg/L As	10	4	4	100,0%	< 3,0 (LQ)	< 3,0 (LQ)	100,0%	4
Benzeno	µg/L	1	4	4	100,0%	< 0,3(LQ)	< 0,3(LQ)	100,0%	4
Benzo(a)pireno	µg/L	0,01	4	4	100,0%	< 0,003 (LQ)	< 0,003 (LQ)	100,0%	4
Boro	mg/L B	1	4	4	100,0%	< 0,3(LQ)	< 0,3(LQ)	100,0%	4
Bromato	µg/L BrO3	10	4	4	100,0%	< 3 (LQ)	< 3 (LQ)	100,0%	4
Cádmio	µg/L Cd	5	4	4	100,0%	< 1,0 (LQ)	< 1,0 (LQ)	100,0%	4
Cálcio	mg/L Ca	---	4	4	100,0%	27,5	63,0	100,0%	4
Chumbo	µg/L Pb	25	4	4	100,0%	< 3,0 (LQ)	< 3,0 (LQ)	100,0%	4
Cianetos	µg/L CN	50	4	4	100,0%	< 15 (LQ)	< 15 (LQ)	100,0%	4
Cobre	mg/L	2	4	4	100,0%	< 0,3 (LQ)	< 0,3 (LQ)	100,0%	4
Crómio	µg/L Cr	50	4	4	100,0%	< 2 (LQ)	< 2 (LQ)	100,0%	4
1,2-dicloroetano	µg/L	3	4	4	100,0%	< 0,3 (LQ)	< 0,3 (LQ)	100,0%	4
Dureza Total	mg/L CaCO3	---	4	4	100,0%	100	200	100,0%	4
Fluoretos	mg/L F	1,5	4	4	100,0%	< 0,1 (LQ)	0,43	100,0%	4
Magnésio	mg/L Mg	---	4	4	100,0%	6,0	10,0	100,0%	4
Mercurio	µg/L Hg	1	4	4	100,0%	< 0,20 (LQ)	< 0,20 (LQ)	100,0%	4
Níquel	µg/L Ni	20	4	4	100,0%	< 5,0 (LQ)	< 5,0 (LQ)	100,0%	4
HAP-benzo(b)fluoranteno	µg/L	0,1	4	4	100,0%	< 0,010 (LQ)	< 0,010 (LQ)	100,0%	4
HAP-benzo(g,h,i)perileno	µg/L	0,1	4	4	100,0%	< 0,010 (LQ)	< 0,010 (LQ)	100,0%	4
HAP-benzo(k)fluoranteno	µg/L	0,1	4	4	100,0%	< 0,010 (LQ)	< 0,010 (LQ)	100,0%	4
HAP-Indeno(1,2,3,cd)pireno	µg/L	---	4	4	100,0%	< 0,010 (LQ)	< 0,010 (LQ)	100,0%	4
Selénio	µg/L Se	10	4	4	100,0%	< 3,0 (LQ)	< 3,0 (LQ)	100,0%	4
Cloretos	mg/L Cl	250	4	4	100,0%	42,0	69,0	100,0%	4
Tetracloreto	µg/L	10	4	4	100,0%	< 3 (LQ)	< 3 (LQ)	100,0%	4
Tricloreto	µg/L	10	4	4	100,0%	< 0,3 (LQ)	< 0,3 (LQ)	100,0%	4
THM-dibromoclorometano	µg/L	100	4	4	100,0%	< 3 (LQ)	< 3 (LQ)	100,0%	4
THM-diclorobromometano	µg/L	100	4	4	100,0%	< 3 (LQ)	< 3 (LQ)	100,0%	4
THM-tribromometano	µg/L	100	4	4	100,0%	< 3 (LQ)	< 3 (LQ)	100,0%	4
THM-triclorometano	µg/L	100	4	4	100,0%	< 3 (LQ)	< 3 (LQ)	100,0%	4
Sódio	mg/L Na	200	4	4	100,0%	40	44	100,0%	4
Carbono orgânico total	mg/L C	---	2	2	100,0%	< 1,0 (LQ)	2	100,0%	2
Sulfatos	mg/L SO4	250	4	4	100,0%	13	21	100,0%	4
alfa-total	Bq/L	0,5	1	1	100,0%	< 0,050 (LQ)	< 0,050 (LQ)	100,0%	1
Dose indicativa total	mSv/ano	0,1	1	1	100,0%	< 0,1 (LQ)	< 0,1 (LQ)	100,0%	1

* VP - valor paramétrico (Dec. Lei 306/2007)

** LQ - Limite de Quantificação

ENTRE DOIS MARES E UM RIO

Museu
de Almada

—
Casa
da Cidade

—
Exposição

ALMADA,
3 MIL ANOS
DE HISTÓRIA